

Manuais de pesquisa em Jornalismo. (Estudo de tipos, das matrizes metodológicas e de autores de referência nas obras de Otto Groth e Jorge Pedro Sousa) ¹

Elias MACHADO²

Andressa SANTA CRUZ³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

A defesa da tese de doutorado de Tobias Peucer em 1690 representou um marco no reconhecimento do Jornalismo como objeto científico (Peucer, 2004). Desde o trabalho seminal de Peucer até o final do século passado o Jornalismo consolidou-se como disciplina científica (Machado, 2005, 2010; Lago; Benetti, 2007; Patterson, 2013; Waisbord, 2013). Em trabalhos anteriores (Machado, Sant’ana, 2014; Machado; Rosa e Silva, 2014) discutimos as particularidades das matrizes metodológicas adotadas pelos pesquisadores em Jornalismo. Neste artigo apresentamos os resultados da avaliação e da comparação de dois manuais de referência: “*O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais*”, de Otto Groth (1960-72/2011) e “*Introdução à análise do Discurso Jornalístico Impresso: um guia para estudantes de graduação*” (2004), de Jorge Pedro Sousa. O objetivo é identificar os manuais utilizados como referência e apontar as principais matrizes teóricas utilizadas pelos autores. A partir da identificação do tipo de manual (referência, de metodologia, teórico e de orientação), das matrizes usadas (Jornalismo, Comunicação e demais áreas científicas), destacam-se as seguintes conclusões: 1) o crescimento dos manuais específicos em jornalismo entre os anos de 1960 (lançamento do livro de Groth) até 2004 (ano de publicação do livro de Jorge Pedro); 2) o aumento de manuais de referência práticos e metodologias e 3) uma maior utilização de matrizes teóricas internas aos campos do Jornalismo e da Comunicação.

Palavras-chave: Jornalismo, Manuais de Pesquisa, Pesquisa em Jornalismo, Metodologias de Pesquisa.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Doutor em Jornalismo. Coordenador do Laboratório de Pesquisas Aplicadas em Jornalismo (LAPJOR) – <http://www.cce.lapjor.ufsc.br>, email: elias.machado@ufsc.br

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSC. Bolsista PIBIC/CNPq no Laboratório de Pesquisas Aplicadas em Jornalismo – <http://www.lapjor.cce.ufsc.br> -, email: rsc.dessa@gmail.com

Introdução

Ao longo dos últimos quatro séculos verificamos uma consolidação do Jornalismo como disciplina científica. Desde a defesa da tese de doutorado de Tobias Peucer em 1690 até o final do século passado identificamos o aumento da utilização de matrizes metodológicas próprias (GROTH, 1948; MACHADO, 2005, 2010; LAGO; BENETTI, 2007; PATTERSON, 2013; WAISBORD, 2013). De forma a contribuir para o aprimoramento do Jornalismo como prática científica surgem, cada vez mais, no Brasil e no mundo manuais metodológicos para orientação dos pesquisadores da área (SOUSA, 2001, 2004; LÖFFELHOLZ; WEAVER, 2008) AMARAL FILHO, 2011; WAHL-JORGENSEN, HANITZSCH, 2009).

A metodologia aplicada é crucial para o desenvolvimento das atividades científicas, uma vez que a ciência só se aperfeiçoa através de uma forma própria de construção dos seus objetos e da elaboração de metodologias adequadas as suas particularidades de análise da realidade. É através dos resultados da pesquisa científica, como sustenta Otto Groth, (GROTH, 1960/ 2011) que se pode compreender o porvir e a adaptação das práticas profissionais às mudanças sociais, econômicas, políticas, tecnológicas e culturais.

Para o Jornalismo se consolidar como disciplina científica, é fundamental o desenvolvimento de metodologias próprias pelos pesquisadores da área, evitando a dependência de matrizes teórico-metodológicas externas. Como parte das atividades do projeto “*Metodologias de Pesquisa Aplicadas ao Jornalismo: Um estudo dos manuais de referência (1949-2010)*” analisamos as referências metodológicas de dois manuais: “*O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais*”, versão brasileira de textos da obra de Otto Groth e “*Introdução à análise do Discurso Jornalístico Impresso: um guia para estudantes de graduação*”, de Jorge Pedro Sousa. O objetivo desta pesquisa é identificar os tipos de manuais (teóricos, de referência, metodologia e de orientação) e as matrizes metodológicas utilizadas pelos pesquisadores em Jornalismo.

De modo idêntico como procedemos em Machado e Rosa Silva (2014) definimos manuais teóricos como obras que têm como objetivo propor uma discussão epistemológica sobre o Jornalismo como objeto de pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores; os manuais de referência são obras mais técnicas destinadas ao ensino das normas adequadas à padronização formal dos trabalhos acadêmicos; os manuais de metodologias são aqueles dedicados à apresentação e/ou definição dos tipos de

metodologias mais utilizados pelos pesquisadores e os manuais de orientação são as obras mais genéricas elaboradas com objetivo de fornecer instruções aos pesquisadores de como proceder desde a definição do objeto até a publicação dos resultados.

Neste artigo as matrizes metodológicas referenciadas por estes dois autores foram analisadas e comparadas conforme as suas características e a época de publicação dos manuais. Como disse Sousa (2004,p. 11): “[...] o olhar do pesquisador sobre a realidade deve incidir não apenas no fenômeno que procura estudar, mas também no seu contexto”. É por isso que é importante destacar a conjuntura e as circunstâncias em que Otto Groth e Jorge Pedro Sousa escreveram suas obras. Enquanto Groth escreveu “*O Poder Cultural Desconhecido*”, um manual de caráter teórico-metodológico mais genérico e abstrato, antes da publicação regular e contínua de manuais metodológicos próprios⁴, Sousa, que lançou “*Introdução à análise do Discurso Jornalístico Impresso*” 40 anos depois, pode recorrer a referências mais específicas da área e produziu um manual que orienta como aplicar uma determinada metodologia adaptada às necessidades dos objetos de pesquisa em Jornalismo. Entre as principais descobertas deste trabalho destacamos: 1) uma maior utilização de matrizes teóricas internas aos campos do Jornalismo e da Comunicação, 2) o aumento de manuais específicos em jornalismo entre os anos de 1960 (lançamento do livro de Groth) até 2004 (ano de publicação do livro de Jorge Pedro) e 3) o desenvolvimento mais regular de manuais metodológicos em Jornalismo.

1. Dos manuais teórico-metodológicos aos manuais de metodologias

Ao definirmos as categorias para identificar os tipos de manuais existentes verificamos que se o objeto de pesquisa ficasse restrito aos manuais de metodologias de pesquisa propriamente ditos haveria duas consequências imediatas: 1) a amostra seria muito reduzida porque era muito pequeno o número de citações deste tipo de obra, o que poderia inviabilizar a representatividade do estudo e 2) este tipo de manual era insuficiente para o mapeamento das matrizes metodológicas utilizadas pelos pesquisadores, na maioria das vezes, provenientes de obras teóricas de referência em nada similares aos clássicos manuais de pesquisa. Para dar conta desta particularidade decidimos incluir as obras teóricas de referência como manuais teórico-metodológicos. Com este procedimento tivemos

⁴ O primeiro manual de metodologias em Jornalismo, nos termos definidos neste artigo, foi “*Introduction to Journalism Research*. NAFZIGER, Ralph; WILKERSON, M. Baton Rouge: Louisiana State University, 1949. Ver MACHADO; ROSA SILVA, 2014, op.cit. p.02.

condições de elaborar um mapeamento mais complexo e representativo da diversidade de matrizes teóricas utilizadas por estes dois pesquisadores, como veremos abaixo.

Dos dois manuais estudados, conforme a classificação adotada nesta pesquisa, um é teórico-metodológico e o outro de metodologias. O de Otto Groth está mais interessado na discussão das características do Jornalismo, nas suas particularidades como disciplina científica e como prática profissional, tratando tangencialmente do problema metodológico. O de Jorge Pedro Sousa tem um objetivo mais restrito: funcionar como um guia de apresentação para a um tipo de metodologia, a Análise do Discurso. Se comparados com os dois manuais de pesquisadores brasileiros estudados em Machado e Rosa Silva (2014), ambos coletâneas e resultado de uma reunião de artigos isolados, os trabalhos de Groth e Sousa tem um caráter mais sistemático porque são obras individuais com uma unidade interna nos conceitos ou na metodologia apresentados, representando, neste sentido, uma contribuição mais elaborada do ponto de vista epistemológico para a discussão metodológica nas pesquisas em Jornalismo.

A obra de Otto Groth “*O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais*”, em sete tomos, foi publicada entre 1960 e 1972, na Alemanha. Antes de sua morte em 1965 Groth concluiu seis tomos, com mais de 3.500 páginas (FAUS BELAU, 1966, p.15). O sétimo foi publicado postumamente em 1972 (MARHENKE, 2006). A tradução brasileira de alguns textos com 490 páginas, feita pela pesquisadora Liriam Sponholz foi lançada pela *Vozes* em 2011 (BERGER, 2011). Groth doutorou-se em economia política orientado por Max Weber e Robert Wilbrandt em 1915 na Universidade de Tubinga. Entre suas principais obras estão: *Die politische Presse Württembergs*, Stuttgart, 1915; *Die Zeitung. Ein System der Seitungskunde(Journalistisk)*. Manheim, Berlin, Leipzig (1928-1930); *Die Geschichte der deutschen Zeitungswissenschaft. Problem und Methoden*. München, 1948 e *Die unerkannte kulturelle Macht. Grundlegung der Zeitungswissenschaft (Periodik)*. Berlin, (1960-1972). Durante toda vida, Groth se dedicou ao Jornalismo na condição de professor, pesquisador e de jornalista, tendo sido inclusive diretor de redação do *Frankfurter Zeitung* em Munique entre 1922 e 1934.

Dois anos após a morte de Groth, 1967, nascia em Portugal, Jorge Pedro Sousa que publicou quase quatro décadas depois *Introdução à Análise de Discurso Jornalístico Impresso*. Jorge Pedro atuou como jornalista na cidade do Porto, formou-se em Jornalismo em 1992 e se doutorou em Comunicação na Universidade de Santiago de Compostela, na

Espanha, 1997. As suas linhas de pesquisa englobam a teoria e história do jornalismo e a análise do discurso jornalístico impresso. Tem vários livros publicados, sendo os mais conhecidos *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental e As Notícias e seus efeitos* (2000). As obras mais recentes (ambos de 2013) são *Jornalismo em Portugal na Alvorada da Modernidade* (traduzido para inglês com o título *Print Journalism in Early Modern Portugal*) e *Portugal na Grande Guerra - Uma Crónica Visual*. Apesar de representarem épocas históricas distintas, os dois são autores reconhecidos no campo das pesquisas em Jornalismo, Groth como um dos fundadores do Jornalismo como disciplina científica, e Sousa como um dos mais conceituados pesquisadores nos países de língua portuguesa.

Ambos os livros analisados neste artigo são manuais teórico-metodológicos específicos para delimitação e a prática da ciência jornalística. Como quando *O Poder Cultural Desconhecido* foi lançado as teorias do Jornalismo ainda estavam pouco consolidadas, Otto Groth recorreu a um diversificado embasamento conceitual externo ao campo, tendo se apoiado em matrizes teóricas oriundas por ordem decrescente: da filosofia (40%), do jornalismo (21%), da sociologia (15%), da psicologia (12%), da política (5%), da economia (4%), da história (2%). e da antropologia (1%) . Jorge Pedro Sousa, por sua vez, fundamentou sua obra usando um número de referências teóricas relativamente menor do que Groth. A diferença é que a maior parte das referências citadas são de autores das áreas de Jornalismo (55%) e da Comunicação (45%). Otto Groth, conforme indicado na Tabela 1 abaixo, limitou-se a citação de manuais do tipo teóricos para fundamentar “*O Poder Cultural Desconhecido*” enquanto que Jorge Pedro Sousa, mesmo tendo se ancorado principalmente em manuais teóricos (82%), incorpora a citação de manuais metodológicos (13%) e de manuais práticos (5%).

Tabela 1 – Tipos de manuais de referência citados por Otto Groth e Jorge Pedro Sousa

Autores	Teórico	Metodológico	Práticos
Otto Groth	100%	-----	-----
Jorge Pedro Sousa	82%	13%	5%

Fonte: Elaboração própria

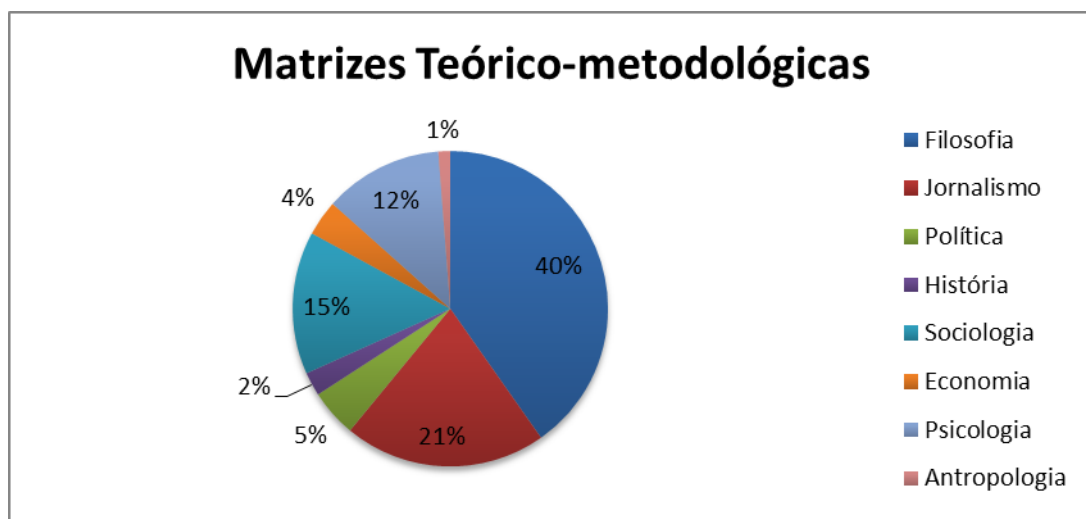
O período de quatro décadas entre o lançamento das duas obras possibilitou a Sousa a utilização mais frequente de manuais práticos e metodológicos como referência em consequência da maior institucionalização do Jornalismo como disciplina no sistema geral das ciências. Como a obra de Jorge Pedro Souza é um manual de referencia metodológica em Análise de Discurso, é compreensível a inclusão de referências a manuais de metodologias e de manuais práticos para melhor orientar as pesquisas na área do Jornalismo impresso. Antes de publicar “*Introdução à análise do discurso do Jornalismo Impresso*”, Sousa havia lançado outro manual teórico-metodológico com escopo mais amplo e destinado ao conjunto da comunidade de pesquisadores, *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto, 2003, com 2^a edição revista e ampliada. Porto, 2006. Neste último caso, nas mais de 700 páginas da obra, são discutidos, entre outras coisas, conceitos básicos de comunicação, modelos de comunicação, modelos de jornalismo, escolas de comunicação, pensadores de destaque em comunicação e identificadas as metodologias mais utilizadas nas pesquisas em comunicação.

2. Das Matrizes Teórico-metodológicas externas às metodologias próprias

Como quer lograr o reconhecimento do Jornalismo como ciência cultural independente, Groth revisa não somente a teoria da imprensa periódica, mas também as contribuições das demais ciências dedicadas ao campo da vida e da cultura (FAUS BELAU, 1966, p. 17). No levantamento das referências citadas em *O Poder Cultural Desconhecido* feito para este artigo identificamos que Groth se permitiu recorrer a oito matrizes teóricas de diversas ciências para embasar sua obra, desde áreas como jornalismo até psicologia, passando por economia, sociologia, filosofia e história. Nota-se um predomínio da matriz da filosofia, que representa 40% do total das citações. O predomínio da fundamentação filosófica se justifica caso consideremos, como observa FAUS BELAU (1966, p. 17), que “Groth se propone con su obra dar unas bases filosóficas para reforzar el principio teórico de la Ciencia Periodística...” A segunda área com mais citações é o Jornalismo (21%) o que demonstra que existia então um conjunto de reflexões teóricas sobre o Jornalismo como prática científica (GROTH, 1948). A terceira e a quarta áreas com mais citações são

sociologia (15%) e psicologia (12%). A primeira delas, disciplina ministrada por Max Weber, um dos orientadores da tese de doutorado de Groth (FAUS BELAU, op.cit.p.14) e a segunda porque era uma das correntes científicas de grande relevância naquele período na Alemanha, que tinha entre seus mais brilhantes pesquisadores nomes como Eduard Spranger, que se doutorou pela Universidade de Berlim, e Kurt Levin, criador da teoria do gatekeeping (ROGERS, 1994, p. 336).

Gráfico 1 – Matrizes Teórico-metodológicas de Otto Groth

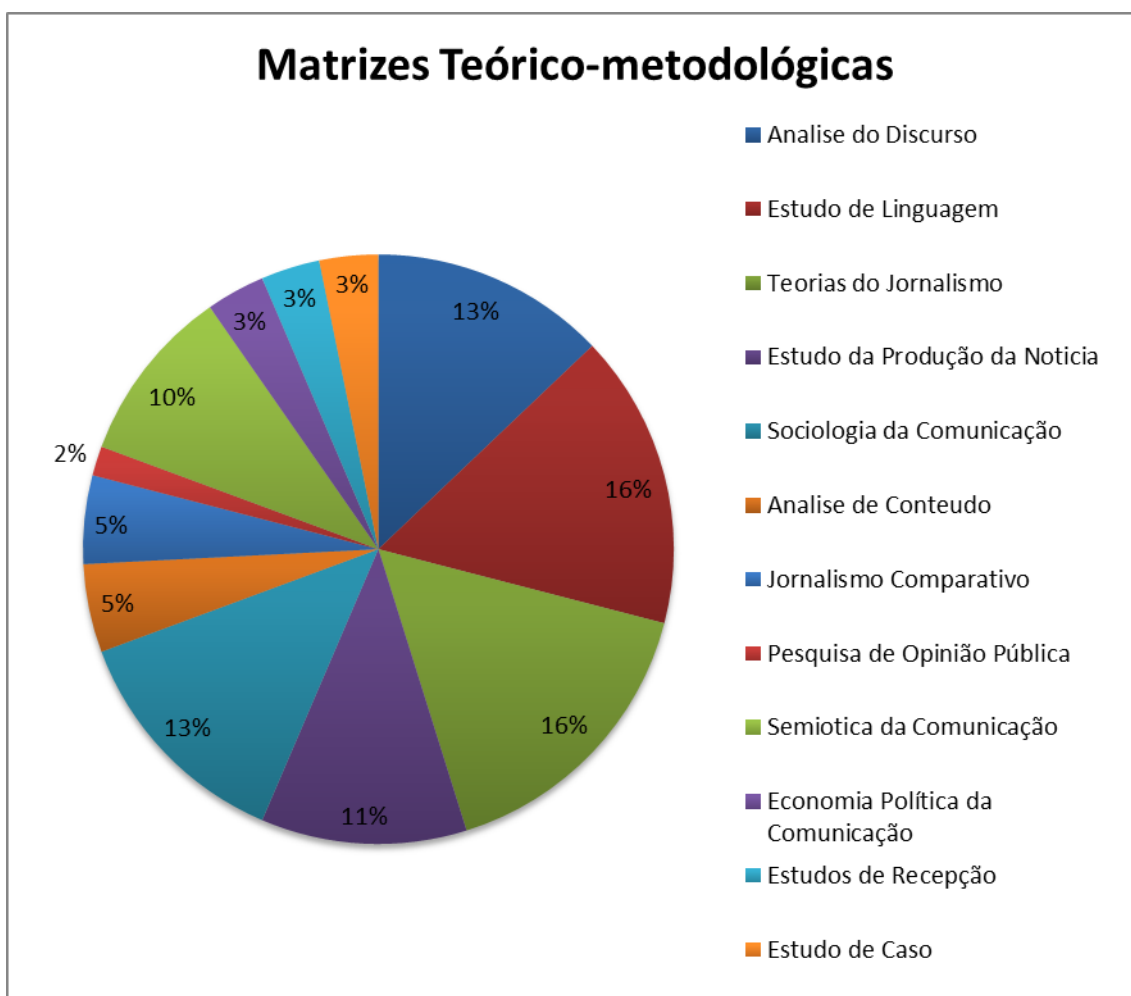


Fonte: Elaboração própria

Mais que utilizar uma metodologia de uma determinada ciência ou mesmo definir uma metodologia específica para os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores no campo do Jornalismo, a obra de Otto Groth buscava, por um lado, defender a necessidade do reconhecimento do Jornalismo como disciplina científica e, por outro, determinar as características e a estrutura do objeto da ciência jornalística. A prioridade era a demarcação de fronteiras e a legitimação da disciplina. A bem da verdade, Groth, como discípulo de Max Weber, adota o método weberiano (GENRO FILHO, 1987, p.20), que se utiliza das contribuições teóricas das mais diversas disciplinas científicas para a compreensão das particularidades do Jornalismo como prática profissional, como disciplina científica e como objeto de pesquisa. A amplitude teórica de Groth abarca diversas áreas que vão da teoria do conhecimento, passando pela antropologia, pela sociologia do conhecimento, pela economia política, pela psicologia social, pela história e pelas teorias do jornalismo.

Ao longo das mais de 3.500 páginas de *O Poder Cultural Desconhecido*, que representa a síntese de mais de 50 anos de pesquisas, Otto Groth destaca desde os aspectos mais técnicos da produção propriamente dos jornais, passando pelo funcionamento das empresas jornalísticas até a discussão mais abstrata das características do Jornalismo como prática profissional e das suas particularidades como atividade científica (FAUS BELAU, op.cit. p. 16). Desde os anos 1930, quando publicara *Die Zeitung. Ein system der Zeitungskunde* – uma obra em quatro tomos elaborada entre 1910 e 1930 com a orientação inicial de Max Weber, Otto Groth era reconhecido como um dos fundadores da Ciência Periodística (FAUS BELAU, .Ibid. p. 14). Antes da contribuição derradeira de *O Poder Cultural Desconhecido. Fundamentos da Ciência dos Jornais*, Groth reconstituiu a história do Jornalismo como disciplina científica na Alemanha em *Die Geschichte der Deutschen Zeitungswissenschaft*, de 1948, em que rastreou estudos seminais como *Relationibus Novellis*, de Tobias Peucer, de 1960, passando pelas obras de Robert Prutz, 1845, de Emil Löebl, 1903, de Karl Bücher (1915, 1926), de Max Weber, 1911 e de Karl D’Ester, de 1942, entre outros muitos pioneiros (GROTH, 1948).

Gráfico 2 – Matrizes Teórico- Metodológicas em Jorge Pedro Sousa



Para que o Jornalismo fosse reconhecido como uma ciência autônoma Groth sustentava que existia a necessidade de sistematização dos conhecimentos obtidos em uma teoria específica (GROTH, 2006, pp. 188-89; GROTH, 1960/2011, pp.27-140). Como evidenciado no Gráfico 1, acima, o próprio trabalho de Groth reflete um esforço de articulação harmoniosa de sólidos conhecimentos em teorias do jornalismo com as ciências que o autor classifica de auxiliares como sociologia, psicologia social e a ciência literária (MARHENKE, 2006, p. 161). Do ponto de vista metodológico Groth insistia no pluralismo e somente fazia, segundo Marhenke (Ibid. p. 165), uma distinção, no caso dos métodos fundamentais, no grau de seu emprego. Entre os métodos elencados por Groth como os mais utilizados na época destacamos o fenomenológico, o descritivo, o dialético, o empírico, o especulativo, o indutivo, o dedutivo, o morfológico-sistemático, o histórico e o crítico. Os elementos novos utilizados pelos pesquisadores e acrescentados ao conjunto de procedimentos adotados eram o experimento, tomado da ciência natural, e a entrevista ou pesquisa de opinião (levantamento, enquete) radicada nas ciências da sociedade e cultura, (MARHENKE, Ibid. p.166)

Se Otto Groth estava mais interessado em demarcar as fronteiras do Jornalismo como disciplina científica e em definir conceitualmente as características da prática jornalística, conforme afirma Angel Faus Belau (op.cit. pp. 13-18), ao publicar “*Introdução à análise do discurso Jornalístico impresso – um guia para estudantes de graduação*”, os objetivos de Jorge Pedro Souza e o contexto de publicação do livro são muito diferentes e bem mais modestos: “A análise do discurso é um dos métodos de pesquisa mais usados nas ciências sociais e humanas, em particular nas ciências da comunicação. Por isso, os estudantes de graduação em jornalismo e ciências da comunicação deparam-se muitas vezes com a necessidade (ou mesmo com a vontade) de realizar análises do discurso jornalístico impresso. Este livro vem a público com a finalidade de os auxiliar nesta tarefa (SOUSA, 2004, p. 9). Sousa, como se pode ver no gráfico 2, acima, recorreu majoritariamente a matrizes metodológicas específicas de jornalismo, da comunicação e da análise do discurso, temas centrais de sua obra.

Em termos analíticos podemos dividir as doze matrizes teórico-metodológicas identificadas na obra de Sousa em três tipos: 1) diretamente vinculadas a matrizes mais teóricas; que metodológicas, 2) matrizes teórico-metodológicas em sentido mais amplo e 3) metodologias propriamente ditas. No primeiro tipo classificamos Estudos de Linguagem, (16%) e Teorias do Jornalismo (16%), as duas principais entre todas as matrizes são mais

áreas de estudos utilizadas como referencial teórico que metodologias. No segundo tipo encontramos sociologia da comunicação (13%), semiótica da comunicação, (10%) e economia política da comunicação (3%) , a principal diferença consiste em que, mesmo sem ser uma metodologia em sentido restrito, estão vinculadas a disciplinas com metodologias legitimadas no sistema das ciências. No terceiro tipo estão as metodologias propriamente ditas: análise do discurso (13%), estudo de produção da notícia (11%), análise de conteúdo (5%), jornalismo comparativo (5%), estudos de caso (3%), estudos de recepção (3%) e pesquisa de opinião pública (2%),

Uma análise geral das doze matrizes teórico- metodológicas utilizadas confirma os resultados obtidos em pesquisas anteriores de que existe uma dependência dos estudos em jornalismo de matrizes externas, das chamadas ciências auxiliares na definição de Otto Groth (GROTH, 2006. ZELIZER,2004; LÖFFELHOLZ;ROTHENBERGER, 2011). Do total de referências somente 16% das citações são de manuais publicados por pesquisadores em jornalismo. Entre as sete metodologias propriamente ditas que Jorge Pedro incorpora citações em suas referências ao menos três são desenvolvidas a partir de demandas internas do próprio campo do jornalismo (estudos de produção da notícia, estudos de jornalismo comparado e estudos de opinião pública (survey); três são originárias de disciplinas externas (análise de discurso - linguística, análise de conteúdo, - sociologia, comunicação - e estudos de caso - administração, serviço social, psicologia, antropologia) e uma (estudos de recepção) nasce dentro da área mais ampla da comunicação.

Os estudos de produção da notícia, de origem sociológica, são conhecidos desde os anos 1930 (ROSTEN, 1937), mas são consagrados e amplamente legitimados pela comunidade científica somente depois da disseminação de trabalhos como o de Warren Breed (1954), Roschco, (1978), Gans, 1979 e Tuchman (1980). As pesquisas de jornalismo comparado, propostas pelo francês Jacques Kayser, nos anos 1950, (MARQUES MELO, 1972), disseminadas pelo próprio Marques de Melo entre os brasileiros nos anos 1970, agora estão sendo retomadas com força em decorrência das novas relações em escala mundial, (HANITZSCH; ESSER, 2011). Os estudos de opinião pública, ainda que muito utilizados em outras disciplinas como ciência política e nas ciências da comunicação em relações públicas e publicidade e propaganda , são devedores do esforço seminal de George Gallup, então professor de Jornalismo na Universidade de Iowa, que defendeu em 1928, na Faculdade de Psicologia, a tese “*An Objective Method for Determining Reader Interest in*

the Content of a Newspaper”, ponto de partida para a fundação do *Instituto Gallup* (ROGERS, 1994, p.23).

Uma das mais antigas metodologias aplicadas pelos pesquisadores em Jornalismo, a análise de conteúdo teve origem na sociologia e ganhou notoriedade a partir dos estudos publicados em 1927 no livro clássico de Harold Lasswell sobre a propaganda na I Guerra Mundial (HERSCOVITZ, 2006, p. 107)). O próprio Groth adotou a análise de conteúdo para o estudo da imprensa política alemã realizado em sua tese de doutorado (MAHENKE, 2006, P. 156). Os estudos de caso são muito comuns em disciplinas como economia, psicologia, administração, serviço social (YIN, 2003, p 1) e, no Jornalismo, são pouco aplicados, conforme o modelo clássico definido em suas áreas de origem. Muitas vezes, são confundidos com outros tipos de pesquisa com objeto de estudo empírico e, em geral, são realizados com caráter mais descritivo, desconsiderando o potencial do método para a generalização e a proposição de novos conceitos a partir das descobertas particulares do caso (YIN, 2003, p.11). As pesquisas de recepção são tributárias de iniciativas destinadas a compreender como o público decodifica os conteúdos jornalísticos (LINS DA SILVA, 1985; SANTOUT, 1998).

A Análise do Discurso, por se caracterizar como a principal referência de Jorge Pedro entre as metodologias propriamente ditas, com 13%, é, como o autor reconhece, uma das metodologias mais adotadas pelos pesquisadores em jornalismo, e, por isso mesmo, merece comentários a parte. A metodologia se constituiu nos anos 1960 na confluência de três matrizes teórico-metodológicas: linguística, marxismo e psicanálise (ORLANDI, 2001, p. 19) e possui três fontes de referência clássicas: russa (BAKHTIN, 1979; 1982), francesa (FOUCAULT, 1971; PECHEUX, 1988; MAINGUENEAU, 1989; ORLANDI, 1992; 2001) e anglo-saxã (VanDIJK, 1988; FLOWER, 1992; FAIRCLOUGH, 1992; 1995). O manual elaborado por Jorge Pedro que toma como referência a escola anglo-saxã, com destaque para os professores Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, e o falecido Roger Fowler, da Universidade de East Anglia, tem o mérito de – a partir de uma diversidade de matrizes teórico-metodológicas – propor uma metodologia específica, adaptada às necessidades dos estudos em jornalismo.

Se compararmos as matrizes teórico-metodológicas citadas, a definição de jornalismo sustentada pelos autores e a compreensão do uso das metodologias, como vimos, existe uma diferença de fundo nas obras de Groth e de Sousa. De um lado, Groth continua

uma trajetória de pesquisadores alemães que sustenta, contrariando o pensamento dominante⁵, a legitimidade do jornalismo como disciplina autônoma. Sem desconhecer a contribuição das demais ciências, que define como auxiliares, Groth defende que nenhuma delas consegue apreender a essência do jornalismo como fenômeno social porque sua perspectiva de análise e seus métodos são orientados com outros propósitos. De outro, até mesmo como consequência do status atual da área no campo científico, Sousa trabalha com o pressuposto do jornalismo como disciplina científica e, de certo modo, acatando a recomendação de Groth da adoção do ‘ecletismo metodológico’, empreende um esforço para produzir um manual de referência para orientação de pesquisas em jornalismo.

O fato de que passados cinquenta anos, apesar de todo reconhecimento obtido no campo acadêmico, o jornalismo permaneça mais como uma área de estudos, sem atingir o status de uma disciplina científica autônoma, indica que o problema diagnosticado por Groth continua sem solução. Como as discussões epistemológicas são centrais para a definição do Jornalismo como ciência, tratar a questão como secundária pouco contribui para a clareza conceitual sobre o jornalismo como instituição social, como disciplina científica e como objeto de estudo. A simples aplicação de uma metodologia, qualquer que seja, sem a problematização de seus pressupostos e procedimentos, como se fosse uma instância técnica, muitas vezes, conduz a reiteração de ‘verdades’ previamente estabelecidas, ficando-se no nível das descrições (SOUSA, 2004, p. 33) e pouco avançando no conhecimento teórico do objeto, na legitimação da disciplina e no aperfeiçoamento das práticas profissionais. As metodologias quando tomadas por empréstimo das disciplinas auxiliares, como alertava Groth, estão desprovidas de condições para identificar características e propriedades do Jornalismo como fenômeno social (GROTH, 2006, p. 189) ou como instituição social (PARK, 1955, p. 176)

3. O predomínio das fontes de Jornalismo entre os autores mais citados

Feito o mapeamento das matrizes teórico-metodológicas adotadas pelos dois autores passamos para a etapa seguinte da pesquisa, de identificação dos dez autores mais citados nas duas obras analisadas para verificar área de origem, tipo de manual e matrizes teórico-

⁵ Groth, por contrariar os interesses da Associação dos Pesquisadores em Jornalismo, e defender posições diferentes do seu presidente, Walter Heide, que colocou a entidade a serviço do Nazismo, nunca conseguiu ser contratado como professor durante a sua vida e produziu a sua monumental obra à margem da comunidade científica da área de Jornalismo, (SPONHOLZ;MEDITSCH, 2011, p. 14)

metodológicas. Além dos dados contidos nas próprias referências, em notas de rodapé e na bibliografia, sempre que necessário, checamos as informações em bases de dados na internet, procedimento imprescindível no caso de Otto Groth, autor pouco estudado, com raras exceções, pouco traduzido para outras línguas, e com citações em profusão de autores alemães, muitos deles menos conhecidos ainda dos estudiosos de jornalismo fora da Alemanha. Este trabalho fez-se mais necessário porque a tradução brasileira de *O Poder Cultural Desconhecido...* não tem uma bibliografia sistemática e um índice onomástico completo ao final do livro o que dificultou a identificação do autor, da obra e da sua área de origem. Na maioria das vezes, superamos esta dificuldade através do cotejamento das citações com a bibliografia de referência de outra obra de Otto Groth *Die Geschichte der deutschen Zeitungswissenschaft. Problem und Methoden*. München, 1948 ou consultando as obras originais dos autores disponíveis no *Google Books*. Na versão brasileira dos textos da obra de Otto Groth, como se pode verificar na Tabela 2, abaixo, do mesmo modo que no caso das matrizes teórico-metodológicas, a frequente recorrência do autor as mais diversas ciências se refletiu nas áreas dos autores mais citados. Nota-se, porém, que o autor se apoiou em sua maioria em autores com formação em jornalismo.

Tabela 2 - Autores mais citados nos Manuais de Otto Groth e Jorge Pedro Sousa

Autores	1°	2°	3°	4°	5°
Otto Groth	Jornalismo	Filosofia	Sociologia	Psicologia	Comunicação
Citações	45%	22%	22%	11%	-----
Jorge Pedro	Jornalismo	Comunicação	Linguística	-----	-----
Citações	70%	20%	10%	-----	-----

Fonte: Elaboração própria

Os dez autores mais citados, como verificamos na Tabela 2 acima, são oriundos das áreas de jornalismo, filosofia, sociologia e psicologia. Nenhum dos autores pertence as ciências da comunicação. Enquanto no número total de citações a filosofia ocupa o primeiro lugar nas referências de Groth, com 40% contra 21%, entre os dez mais citados os manuais

de pesquisadores em jornalismo são os mais referenciados, com 45% das citações em comparação com os 22% da filosofia. A terceira matriz teórico-metodológica mais citada é a sociologia, com idênticos, 22%. Dos autores de jornalismo os mais citados são, em primeiro lugar, Emil Dovifat, conhecido pesquisador e professor da Universidade Livre de Berlim e um dos poucos teóricos alemães do jornalismo com obra traduzida para outras línguas, com o manual *Periodismo*, publicado em dois tomos pela editora UTEHA no México em 1960. Os outros teóricos do jornalismo mais citados são Hans Traub, que aparece em quarto lugar, Heinz Fischer, em oitavo lugar e Emil Löebl em décimo. Destes, um está entre os precursores de Groth, Emil Löebl, que publicou suas principais obras no começo do século passado; e os outros dois são contemporâneos do autor, tendo publicado as obras citadas em 1933 e 1936. Ao menos um, a julgar pelo título do livro, Traub, estava interessado em discussões metodológicas: *Grundbegriffe des Zeitungswessens. Kritische Einführung in die Methode de Zeitungswissenscha (Conceitos básicos da ciência dos Jornais. Introdução crítica ao método da ciência dos Jornais.*

O segundo autor mais citado é Max Weber, que como sabemos participou da formação de Otto Groth desde os tempos do ensino médio em Munique e que como vimos antes o acompanhou até a sua morte, tendo estimulado a redação de *Die Zeitung* e co-orientado a tese de doutorado de Groth defendida em 1915 na Universidade de Tubinga. “O objetivo do trabalho em termos de pesquisa “foi determinado mais por Max Weber do que pelo orientador de Groth, Robert Wilbrandt” (MAHENKE, 2006, p. 157). Weber esteve entre os precursores de um programa de pesquisa sociológica para estudo da imprensa. Em conferência no primeiro congresso da Associação Alemã de Sociologia em Frankfurt, em 1910, Weber, depois de qualificar como magnífico o livro de Löebl, um dos dez mais citados por Groth, define que “teremos que investigar que antes de mais nada, as relações de poder criadas pelo fato específico de que a imprensa transforme em público determinados temas e questões” (WEBER, 2006, p. 26). Um segundo aspecto que Weber indicou que deveria ser investigado é o caráter oligopolista da imprensa no capitalismo e as suas consequências para as sociedades contemporâneas.

Um terceiro aspecto que Weber identifica como prioritário para os pesquisadores são as fontes das notícias, em particular, as agências de notícias. Uma quarta questão para a pesquisa seria quem são os jornalistas e qual sua formação. Uma quinta pergunta colocada por Weber é que consequências tem o produto jornal para o público moderno, que antes de

começar o dia, entra em contato com as notícias do dia. Em que medida o jornal modifica os hábitos de leitura do cidadão comum? (WEBER, *Ibid.* p.43) Por fim, Weber levanta duas questões que devem orientar a investigação sobre a imprensa: “o que a imprensa traz para a conformação do homem moderno? Segundo: que influências exerce sobre os elementos culturais objetivos que se destrói e o que é novamente criado no âmbito da fé e das esperanças coletivas, da “sensação de viver” (Lebensgefühl) – como se diz hoje em dia -, que possíveis atitudes são destruídas para sempre, que novas atitudes são criadas?” (WEBER, *ibid.* p. 43). Em certo modo, a monumental obra de Groth é como uma tentativa de responder as inúmeras questões levantadas por Weber.

O terceiro autor mais citado é da área da psicologia, Eduard Spranger, professor na Universidade de Berlim, único representante da disciplina entre os dez mais citados. É relevante que se constate que a psicologia ocupe o terceiro lugar nas matrizes teórico metodológicas entre as principais fontes utilizadas por Groth. Como a disciplina fornece somente um autor entre os dez mais citados, mesmo tendo um dos mais referenciados, no computo geral, a psicologia figura em último lugar, com apenas 11% das referências. A psicologia, em particular a psicologia experimental, esteve muito vinculada aos estudos constitutivos do jornalismo como disciplina científica e, mais tarde, das chamadas ciências da comunicação, através das contribuições de Kurt Lewin e Carl Hovland (ROGERS, 1994, p. 45). No caso específico da Alemanha este tipo de linha de pesquisa tem entre seus atuais Wolfgang Donasbach (2008a, 2008b). Os outros quatro autores mais citados entre os dez são Leopold Von Wiese, da sociologia, em quinto, e os demais três são oriundos da filosofia, Wilhelm Dilthey, em sexto, Rudolf Eisler, em sétimo e H. Hartmann em nono.

Do mesmo modo que Groth a maioria das referências de Sousa entre os dez autores mais citados são de matrizes teórico-metodológicas vinculadas ao Jornalismo. A principal diferença é que mais da metade (60%) dos autores mais citados são da área de Jornalismo. Os demais 40% estão divididos entre 30% para autores com matriz teórico-metodológica em comunicação e 10% em linguística. Os autores mais citados com procedência no jornalismo são Nelson Traquina, em primeiro lugar, o próprio Jorge Pedro, em terceiro, Gaye Tuchman, em quarto, Philip Gaunt, em sexto, Pedro Diniz de Sousa, em nono, e Karl Manoff, em décimo. Destes três são portugueses e três são estadunidenses. O mais citado é o professor Nelson Traquina, decano entre os pesquisadores portugueses em Jornalismo, catedrático na Universidade Nova de Lisboa. Das obras citadas do professor Traquina duas

são coletâneas de textos sobre jornalismo e uma trata especificamente de uma matriz teórico-metodológica, a teoria do agendamento: *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias*, Lisboa, Veja, 1993 e *O poder do jornalismo. Análise e Textos da Teoria do Agendamento*, Coimbra, Minerva, 2000.

O segundo autor mais citado, como era de se esperar considerando a temática da obra de Sousa, é especializado em análise do discurso, o linguista inglês Roger Fowler, falecido em 1999 publicou entre outros o manual de referência citado por Sousa *Language in the news: Discourse and ideology in the press*, London: Routledge, 1991. O terceiro mais citado é o próprio Sousa que entre as obras inclui uma de caráter metodológico, *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto; Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003. O quarto manual mais referenciado é *Making News. A Study of Construction of Reality*. New York: Free Press, 1978, de Gaye Tuchman. O estudo de Tuchman, hoje considerado um clássico em termos de definição conceitual e de procedimentos para pesquisa, está entre as referências teórico-metodológicas obrigatórias para os estudos de processos de produção da notícia, conforme comentamos na seção anterior. Das demais referências em *Jornalismo* Pedro Diniz Sousa, ocupa o nono lugar com a obra *A dramatização na imprensa do PREC*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2003, um estudo de análise do discurso na imprensa revolucionária portuguesa, e Karl Manoff, o décimo e último, com a coletânea teórica *Reading News*, New York, Pantheon, 1987.

Das outras referências de Sousa, todas de pesquisadores da área de comunicação, os mais citados são Noan Chomsky e E.S. Herman, em quinto lugar, com *Manufacturing Consent. The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon Books, 1988 e *Necessary Illusions. Thought Control in Democratic Societies*. Boston: South End Press, 1989, duas obras de citação obrigatória para quem trabalha com economia política da comunicação; *Linguagem e Cultura dos Media*, Lisboa, Bertrand Editora, 1993 do francês Pierre Babin, em sétimo, e *Law-and-Order News: An analysis of crime reporting in the British press*, London: Tavistock. 1977, do britânico Steve Chibnall, em oitavo, outro estudo de análise do discurso de reportagens de crime na imprensa britânica. Entre os dez mais citados nenhuma das obras referenciadas era um manual de metodologias propriamente ditas, mas cabe ressaltar que para a elaboração do livro Sousa consultou 8 manuais especializados, incluindo autores como Marques de Melo (1972), Krippendorf (1990), Bardin (1975) e Orlandi (2001).

Conclusões

Este artigo representa mais uma etapa no esforço de mapeamento das matrizes teórico-metodológicas utilizadas pelos pesquisadores em Jornalismo. Neste caso específico as principais descobertas são: 1) uma maior utilização de matrizes teóricas internas aos campos do Jornalismo e da Comunicação, 2) o aumento de manuais específicos em jornalismo entre os anos de 1960 (lançamento do livro de Groth) até 2004 (ano de publicação do livro de Jorge Pedro) e 3) o desenvolvimento mais regular de manuais metodológicos em Jornalismo. A partir destes achados podemos levantar diversas questões que julgamos são relevantes para o futuro do jornalismo como disciplina científica, da pesquisa em jornalismo e para o desenvolvimento de metodologias adequadas às demandas da área. É significativo que entre os dez autores com mais citações nos manuais de Groth e de Sousa o jornalismo seja a matriz teórica predominante. Mais relevante ainda é verificar que Sousa sofre influência de metodologias propriamente ditas, revisando manuais de referência em ao menos sete modalidades para a elaboração de sua obra. Groth, por sua vez, consultou em sua maioria manuais teóricos, demonstrando que a discussão teórico-metodológica, uma das preocupações dele, estava fora do foco da agenda dos pesquisadores em jornalismo na Alemanha em meados dos anos 1960.

Um outro aspecto que merece reflexão é o aparecimento, ainda que em número insuficiente, de manuais teórico-metodológicos específicos em jornalismo, como o de Groth. Destes, uma parte pequena é de manuais de metodologias, como o publicado por Sousa. Os dois tipos de manuais de referência são um indicativo de que a comunidade de pesquisadores em jornalismo está refletindo sobre as particularidades do jornalismo como fenômeno social, como prática científica e como disciplina com status próprio. É verdade que o trabalho de Groth é uma seleção de textos de uma obra publicado exatos cinco anos atrás. O relançamento desta coletânea, porém, revela que a agenda colocada por Groth, que estava adiante do seu tempo, de certo modo, merece acolhida entre os pesquisadores brasileiros. O que fica como programa de pesquisa é aceitar o desafio de Groth para continuar pensando o jornalismo do ponto de vista metodológico. Um convite aceito de bom grado por Sousa, que elaborou um manual para orientar a comunidade de pesquisadores interessados em análise do discurso.

Um terceiro ponto que cabe salientar é que muito da falta de status que o jornalismo enfrenta dentro da comunidade científica decorre da sua dependência das matrizes teórico-metodológicas de outras disciplinas. Sem desenvolver metodologias próprias ou, ao menos adaptadas as suas demandas, os pesquisadores em jornalismo estarão condenados a reproduzir conhecimentos estabelecidos noutros lugares e pouco adequados para responder a perguntas diretamente relacionadas com as propriedades e características do jornalismo como fenômeno social, como prática científica ou como instituição social. O que é ainda mais grave nesta dependência das chamadas disciplinas auxiliares é a renúncia a problematização das práticas metodológicas e a aceitação de que a simples descrição dos objetos estudados ou a crítica ideológica da realidade são suficientes para conquistar legitimidade acadêmica entre as demais ciências e para resolver as demandas por inovação no jornalismo. O maior risco que a comunidade científica em jornalismo corre é de, numa era que necessitamos reinventar a profissão (WAISBORD, 2013), desconectar-se ao mesmo tempo do sistema geral das ciências, do mundo do trabalho e das organizações jornalísticas por falta de clareza sobre o que seja o jornalismo como prática profissional, como disciplina científica e como instituição social e suas funções nas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL FILHO, Nemézio. *O passo a passo na monografia em Jornalismo*. Rio de Janeiro: Market, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense, 1982.
- BARDIN, Laurance. Análise de conteúdo. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BENETTI, Marcia; LAGO, Claudia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (orgs.). *A Era glacial do jornalismo. Teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre: Sulina, 2006. Vol 1.
- BERGER, Christa. Otto Groth e a essência do Jornalismo. *Revista Galáxia*, São Paulo, nº. 22, p. 275-278, dez. 2011.
- BÜCHER, Karl. *Die Deutsche Tagespresse und die Kritik*. Tübingen: J.C.B.Mohr 1915.
- BÜCHER, Karl. *Gesammelte Aufsätze zur Zeitungskunde*. Tubingen: H.Laupp, 1926.

- CHOMSKY, Noan. *Necessary Illusions. Thought Control in Democratic Societes*. Boston: South End Press, 1989.
- CHOMSKY, Noan; HERMAN, E. S. *Manufacturing Consent. The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon Books, 1988.
- DONSBACH, W. (2008). Factors Behind Journalists' Professional Behavior: A Psychological Approach to Journalism Research. In M. Löffelholz, & D. Weaver (Eds.), *Global Journalism Research* (pp. 65-78). Malden, Oxford, Carlton: Blackwell Publishing.
- DONSBACH, W. (2008). Journalists' Role Perception. In W. Donsbach (Ed.), *The International Encyclopedia of Communication* (Vol. 6) (pp. 2605-2610). Oxford, UK, Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- ESTER, Karl d': *Die Presse und ihre Leute im Spiegel der Dichtung. Eine Ernte aus drei Jahrhunderten*. Würzburg: Tritsch 1941
- FAUS BELAU, Angel. *La ciência periodística de Otto Groth*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1966.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Media Discourse*. London: Arnold, 1995.
- FIDALGO, Antonio. O jornalismo on-line segundo o modelo de Otto Groth. *Pauta Geral- Revista Brasileira de Jornalismo*, Ano 11 (6), 2004, pp. 259-266
- FISCHER, H.: *Die ältesten Zeitungen und ihre Verleger*. Augsburg: Schwabenland-Verlag, 1936.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours. Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 du Décembre 1970*. Paris: Gallimard, 1971. Publicação brasileira:
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Cóllege de France pronunciado em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOWLER, Roger. *Language in the News. Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge, 1991.
- GANS, Herbert. *Deciding what's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. New York: Pantheon Books, 1979.
- GROTH, Otto. *O poder cultural desconhecido. Fundamentos da ciência dos jornais*. Petrópolis: Vozes, 2012. Tradução de Liriam Sponholz.
- GROTH, Otto. *Die Geschichte der Deutschen Zeitungswissenschaft. Probleme und Methoden*. München: Konrad Weinmayer, 1948.
- HALL, Stuart et al. *Policing the Crisis. Mugging the State, and Law and Order*. London: Methuen/New York, Holmes & Meier, 1978.

HANITZSCH, Thomas. Journalism Research in Germany: Origins, theoretical innovations and future outlook. *Brazilian Journalism Research*. V. 2, n. 1 (2006), 39-53.

HANITZSCH, Thomas: Comparative Journalism Studies. In: WAHLJORGENSEN, Karin Wahl-Jorgensen; HANITZSCH, Thomas (Eds.). *Handbook of Journalism Studies*. New York: Routledge, 2009. p. 413-427.

HANITZSCH, Thomas; ESSER, Frank. *The Handbook of Comparative Communication Research*. London: Routledge, 2012.

HANITZSCH, Thomas; DONSBACH, Wolfgang. Comparing Journalism Cultures. In

HANITZSCH, Thomas; ESSER, Frank. *The Handbook of Comparative Communication Research*. London: Routledge, 2012, pp., 262-275.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In BENETTI, Marcia; LAGO, Claudia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 123-142.

KOLMER, Christian. Methods for Journalism Research. Content Analysis. In LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Eds). *Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings and Future*. London: Wiley-Blackwell, 2008, pp. 117-130.

LASSWELL, Harold. *Propaganda Technique in World War I*. London: Kegan Paul , Trench, Trubner & Co Ltd, 1927.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Muito além do Jardim Botânico. Um estudo da audiência do Jornal Nacional da Rede Globo entre trabalhadores*. São Paulo: Summus, 1985.

LÖEBL, Emil. *Kultur und Presse*. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1903.

LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Eds). *Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings and Future*. London: Wiley-Blackwell, 2008.

LÖFFELHOLZ, Martin; ROTHENBERGER, Liane. Eclectic Continuum, Distinct Discipline or Sub-Domain of Communication Studies? Theoretical considerations and empirical findings on the disciplinarity, multidisciplinary and transdisciplinarity of journalism studies. *Brazilian Journalism Research*, 7 (2011), 1, p. 7-29.

MACHADO, Elias. From Journalism Studies to Journalism Theory. *Brazilian Journalism Research*, v. 1, n. 1 (2005), 11-23.

MACHADO, Elias. Journalism Research Methodologies: A historical review and prospects for the production of guidance manuals. *Brazilian Journalism Research* v. 6, n.1 (2010), 10-28

MACHADO, Elias; ROSA SILVA, Tainara. *Metodologias de Pesquisa Aplicadas ao Jornalismo: Um estudo dos manuais de referência (1970-2007)*. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, FADEP: Foz do Iguaçu, 2014, 14 pp.

MAHENKE, Karl-Ursus. O poder dos jornais segundo Otto Groth. In BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (orgs.). *A Era glacial do jornalismo. Teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre: Sulina, 2006. Vol 1., pp. 155-171.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, 1989.
- MARQUES DE MELO, José. *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- MARQUES DE MELO, José. A recepção das ideias de Otto Groth no Brasil. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/artigos-jornal-alcar/A%20recepcao%20das%20ideias%20de%20Otto%20Groth%20no%20Brasil.pdf> Consultado em 12 de julho de 2015.
- ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1992
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001..
- ORLANDI, E. A Análise do Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 1º Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2003, 18 pp., Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>
- Consultado em 22/07/2015.
- PATTERSON, Thomas, E. *Informing the news. The need for knowledge-based journalism*. New York, Vintage Books, 2013.
- PARK, Robert. Journalism Literature. In *Collect Papers Robert Ezra Park Vol 1., Society Collective Behavior New and Opinion Sociology and Modern Society*. HUGHES, Ewerett et al (Eds). Glencoe: Free Press, 1955, pp.176-184
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. *Estudos em Jornalismo e Mídia Vol 1 (2)*, 2004, pp. 13-30. Original Relationibus Novellis. Tese de doutorado, Universidade de Leipzig, 1690. Tradução de Paulo Rocha Dias.
- PRUTZ, Robert. *Geschichte des deutschen Journalismus*. Hannover: Verlag von C.F. Kius, 1845.
- ROGERS, Everett. *A History of Communication Study: A Biographical Approach*. New York: Free Press, 1994.
- ROSTEN, Leo. *The Washington. Correspondents*. New York: Harcourt, 1937.
- SANTOUT, Florencia. *Los estudios de recepción en América Latina*. Facultad de Periodismo y Comunicación Social Universidad Nacional de la Plata, 1998
- SOUSA, Pedro. *Elementos de Teoria e. Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto; Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003, 2ª edição revista e ampliada. Porto: EUFP, 2006.
- SOUSA, Pedro Jorge. *Introdução à análise do Discurso Jornalístico Impresso: um guia para estudantes de graduação*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia Vol 1 (2)*, 2004, pp. 31-47.
- TRAUB, Hans. *Grundbegriffe des Zeitungswessens. Kritische Einführung in die Methode de Zeitungswissenschaft*. Stuttgart, 1933.

TUCHMAN, Gaye. *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New YORK. Free Press, 1978.

VanDIJK, Teun. *The News as Discourse*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, 1988.

WAHL-JORGENSEN, Karin & HANITZSCH, Thomas (eds.) *Handbook of Journalism Studies*. New York: Routledge, (2009).W

WAISBORD, Silvio. *Reinventing Professionalism: Journalism and News in Global Perspective*. Cambridge: Polity Press, 2013.

WEAVER, David. Methods for Journalis Research. Survey. In LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Eds). *Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings and Future*. London: Wiley-Blackwell, 2008, pp. 106-116.

ZELIZER, Barbie. *Taking Journalism Seriously: News and the Academy*. London: SAGE, 2004

YIN, Robert. *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks: Sage, 2003.